

A metamorfose do luto

por Luiz Fernando Medeiros de Carvalho e Cristiane Brasileiro

Regido pela oscilação entre dois lugares, o livro de Paula Glenadel intitulado *Quase uma arte* constrói figurações binárias. Dois modos, dois tempos, duas vidas, antes e depois. Mas dizer assim é reduzir a complexidade que se move em direção a uma saída de sua própria condição ou dessa dupla formulação.

O livro se abre com um prólogo ao que poderia ter sido e que, por sua posição introdutória ao livro, como se fosse um pórtico, comanda boa parte da primeira divisão de sua arquitetura. O livro será doravante filho ou filha, tal é a filiação do poema como figuração. Memória que se afirma como traço produtivo ainda que sob o modo de um trabalho de luto: o que se desprende ainda é o motivador do que aparece. Não é só o rumor de uma ruína, sem expectativa de futuro. Tudo pode resultar em fixação de ruínas mas também pode resultar em trabalho de arte, algo que propicia uma artesanaria. E o que surge é o vivo por entre escombros. *Quase uma arte*, o título do livro de Paula Glenadel, seria esse esforço de deixar vir o acontecimento de um outro, a metamorfose do luto, ritual de pensar e fazer aparecer o vivo através da repetição do que já morreu ou fez morrer.

A segunda parte do livro acena para a meditação da condição do estrangeiro em sua multifacetada experiência. Estrangeiro seria aquele que vivencia outra respiração, outro ar, outro modo de viver, o outro do outro, a exterioridade vivida na pele das coisas, dos homens e de todos os viventes. Assim surge a cena da moça que pula a roleta, que passa junto burlando a vigilância do metrô de Paris. A poesia ganha o modo narrativo para presenciar o vivo que passa entre, mas passa, move-se por entre obstáculos, empecilhos. A moça não é o narrador, mas tem o passe. O bilhete da vida. O narrador não é Eurídice mas permite a passagem e registra a inquietação do vivo.

A terceira parte do livro, intitulada A pele da jibóia, é a terceira via que se manifesta como saída, o salto para outra forma, outra pele que pode conter “escamas de sol”, nomeação do vivo: “trocar de pele feito jibóia/ é coisa boa”. É nesse momento do livro que surge o poema para a filha, nomeada “Crisálida”. O poema deixa passar a filha, não a memória dolorida da filha, que em livro anterior era nomeada “pérola do pior”. Não mais a memória de como se desprende de sua origem, mas a filha em seu instante de futuro de metamorfose, a pura transformação do corpo, tal como se nomeia neste poema. Uma filha nascida do poema e que surpreende como algo volátil que escapa à classificação. Nesta paragem do livro surge a intuição, a predisposição, a preparação para a mudança. O poema Prévía, imediatamente posterior, é o poema da antecipação, lugar exposto da promessa de escrever. É o poema que anuncia a virada, a transformação, a luz que incide sobre a lama ou o eterno escuro.

Mas o que se segue é de novo a constatação que entre a possível epifania, o que realmente se manifesta é a aparição, a reinscrição muito querida do fantasma motivador da escrita e que se instaura novamente e quase que definitivamente. A arte do poema estaria em se permitir um quase que não capitulasse inteiramente diante da aparição do fantasma: “em lugar da epifania/ entra a aparição// sobe ao palco / o outro, o indesejado/ nem vivo nem morto/ vestido com minha pele/ mesmerizada

Após este poema intitulado “O outro, o mesmo” instalam-se poemas da impotência, da impossibilidade de se pensar para fora da memória, de se mover da terra para o ar, de se tentar sair da paralisia. Tentar seria a pequena inclinação que acharia o lugar do livro. Um livro móvel que se movimenta no tempo da promessa, que escreve o poema “seja lá o que isso for”. O que resulta não se oferta mais na clave da lamentação como resultado da busca de uma chance para o encontro ou subjetividade mais assertiva e radiante. A forma encontrada são procedimentos de guerra: a construção de um réquiem que não cultua o morto mas guerreia com ele, a prece que afirma a intensidade e por fim, como última

alternativa, a palavra amor, que surge como o apocalipse final do livro. Fazer literatura se define como um procedimento destruidor da destruição.. Dessa forma se apresenta o livro *Quase Uma Arte*.

Nota sobre os resenhistas:

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho é autor de *Cenas Derridianas*, Caetés, 2004 e Professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade Estácio de Sá.

Cristiane Brasileiro é autora de *Pequeno Grande Mundo: literatura em crise de autoridade*, Caetés, 2004 e

Professora de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade Estácio de Sá.